

EXERCÍCIO DE ESTILO

Carlos Leone

GEORGE STEINER
A Ideia de Europa

Lisboa,
Gradiva,
2005, 55 páginas

Muito bem acolhido na imprensa generalista, onde o seu autor costuma ter boa e múltipla recepção, este pequeno volume composto pela conferência de George Steiner que lhe dá título, e por dois textos introdutórios, um de Durão Barroso (banal) e outro de Rob Niemen (director do instituto onde Steiner proferiu a conferência, enquadrando autor e obra), é uma boa introdução ao estilo-Steiner para o leitor que ainda não lhe seja familiar (a haver tal leitor).

E não custa apreciar Steiner: imaginativo, bem-humorado, malicioso mas claro, franco mas subtil, na escrita como na exposição oral, um autor envolvido com aquilo que o ocupa, sem tempo a perder com ajustes de contas, facciosismos ou pedantismos. Expansivo, capaz de generalizar sem demasiado prejuízo do rigor informativo, nele encontra-se facilmente a imagem do «mestre» que habitualmente se estima, todo ele sapiência, experiência e liberdade. Em rigor, estas virtudes costumam afastar mais leitores do que propriamente concitá-los, o «grande público» aprecia mais facilmente o que é previsível e já sabido do que o original e o inespe-

rado. Sucede que, no caso de Steiner como no de outros (Berlin, entre vários exemplos possíveis), a reunião de elementos habitualmente dissociados na cultura académica especializada consegue criar um público fiel e abundante.

Sensivelmente pelos mesmos motivos, apreciados a outra luz, não é difícil deplorar o estilo-Steiner. Em 2002, Lisboa foi palco de uma «aparição», com o resultado esperado de elogios desmedidos a um conjunto de notas de passagem, feitas à medida de um público visto (e como o negar?) como paroquial, à qual nem faltou uma sugestão de um Nobel *ex-aequo* a Saramago e Lobo Antunes. A sala, reverente, acabou a aplaudir muito, até «bravo!» se ouviu. O estilo serve para isso e Steiner serve-se bem dele. Não obstante, o permanente *name dropping*, as alusões e as referências, as anedotas em série, etc., e uma continuada ausência de análise (apesar de na sua Obra também haver outros registos), criam uma espécie de ensaísmo teatral, feito para a encenação do pensamento e não para a sua discussão (aqui, ao contrário do que escreveu Simmel, pensar não dói). Aí, aliás, podemos encontrar boa

parte da explicação do sucesso do estilo junto do público: tal como as biografias se substituem hoje à historiografia, também este ensaísmo se substitui ao pensamento. O leitor de Steiner, com toda a probabilidade, encontra nestes ensaios uma digestão já feita dos textos que não leu, nunca lerá. Como poderia ter tempo?

Na circunstância, o público celebrou aquilo a que – com invulgar pompa – Steiner chama cinco axiomas para definir a Europa: os cafés, a paisagem, a história inscrita no urbanismo, a herança de Atenas e Jerusalém e, por fim, a escatologia típica da consciência europeia (p. 44). Isto, que é sedutor mas («e») inconsequente, prepara o caminho para a sugestão de a questão europeia não se

jogar em questões erradas (PAC, Euro, etc.) mas na ideia, no génio, que aos europeus pertence, o de uma cultura humanista que, se está em declínio, é devido aos europeus. Aqui, nas páginas finais e não na rapsódia inicial, encontra-se o autor forte e merecedor de atenção que há em Steiner. Nas palavras sobre a culpabilidade histórica do cristianismo europeu (mesmo em declínio), na reclamação de um materialismo ao serviço da cultura, na responsabilização dos europeus pela ignorância da sua História, há aqui – em apenas cinco páginas, a finalizar – muito que merece estima. Talvez Steiner venha ainda a estimá-lo o suficiente para trabalhar mais tudo o que aí associa. Público haverá sempre. **RI**